

A CLÍNICA ANALÍTICA HOJE O SINTOMA E O LAÇO SOCIAL

IV ENCONTRO AMERICANO DE PSICANÁLISE APLICADA DA
ORIENTAÇÃO LACANIANA (ENAPaOL)

Judith Miller | Eric Laurent | Osvaldo Delgado | Graciela Brodsky | Claudia Velázquez
Jesús Santiago | Lizbeth Ahumada Yanet | Romildo do Rêgo Barros



grama
EDICIONES

Esta publicação é um instrumento de trabalho mais que precioso e por diversas razões.

Dou um lugar especial à bibliografia ponderada. Ela resulta de uma reflexão aprofundada sobre o tema do Encontro e dele constitui um paradigma. Lembra que este Encontro é orientado de ponta a ponta pela descoberta freudiana e pelo ensino de Lacan como um todo. Contribui com a realidade efetiva do Encontro ao cristalizar a elaboração das questões que ele abordará. Ela indica, enfim, que o campo de trabalho que ele abre prosseguirá para além do próprio Encontro.

A leitura dos textos redigidos pelos membros da AMP e por seu Delegado Geral corrobora o primeiro ponto. No contexto de um tsunami cientificista que se crê capaz de invalidar a clínica da psiquiatria clássica e, no mesmo movimento, a clínica psicanalítica, é essencial não apenas indicar em que elas se diferenciam como também que balizas elas oferecem aos clínicos de hoje.

Há vários anos sabemos que muitos psiquiatras endereçam aos analistas lacanianos os casos que consideram mais difíceis. Há algum tempo esse recurso tomou outra forma.

Os médicos se vêem frequentemente no desatino, na insatisfação, no tédio, e mesmo na angústia que neles induz a farmacopéia contemporânea, assim como as classificações que recortam arbitrariamente seu campo.

Judith Miller



grama
EDICIONES

grama
EDICIONES

A clínica analítica hoje : o sintoma e o laço social / Eric Laurent ...
[et.al.]. - 1a ed. - Buenos Aires : Grama Ediciones, 2009.
152 p. ; 21x14 cm.

ISBN 978-987-1649-05-1

I. Psicoanálisis. I. Laurent, Eric
CDD 150.195

Organização

Marcus André Vieira
Ram Mandil

Colaboraram nas traduções da primera parte do livro
Cleide Monteiro, Elisa Monteiro, Maria Angela Maia,
Maria Josefina Fuentes, Sergio Laia e,
na preparação do texto, Tatiane Grova.
Projeto de edição de texto da Biblioteca Ponderada
por Marcela Antelo

© GRAMA ediciones, 2009.

Fondo de la Legua 2476, Edif. 3, Depto. 40
(1640) Martínez, Pcia. de Buenos Aires - Tel.: 4743-8766
grama@gramaediciones.com.ar
http://www.gramaediciones.com.ar

© Fundación del Campo freudiano, 2009.

Diseño de tapa: Mario Merlo
mario@kilak.com

Hecho el depósito que determina la ley 11.723.
Queda prohibida la reproducción total o parcial de este libro por medios
gráficos, fotostáticos, electrónicos o cualquier otro sin permiso del editor.

IMPRESO EN ARGENTINA

DISTRIBUYE EN BRASIL:

LIVRO MERCADO AGÊNCIA LTDA. • Belo Horizonte - MG Tel/Fax: (31) 3223 6444
Rio de Janeiro - RJ Tel/Fax: (21) 2547 3600 comercial@livromercado.com.br

Sumário

Apostas do Encontro.....	9
<i>Judith Miller</i>	
Para el ENCUENTRO AMERICANO.....	17
<i>Eric Laurent</i>	
Apresentação.....	19
<i>Guillermo A. Belaga, Juan Fernando Pérez, Marcus André Vieira</i>	
O delírio de normalidade.....	23
<i>Eric Laurent</i>	
A voracidade do supereu e a violência do Id.....	35
<i>Osvaldo Delgado</i>	
Utopias contemporâneas.....	43
<i>Graciela Brodsky</i>	
“Não há relação sexual”: um real para o laço social.....	57
<i>Claudia Velázquez</i>	
A perna de pau e seus emplastos.....	71
<i>Jesús Santiago</i>	
Laço social: semblante e sintoma.....	83
<i>Lizbeth Ahumada Yanet</i>	
Sintoma, grupo e Escola.....	91
<i>Romildo do Rêgo Barros</i>	
Bibliografia ponderada.....	101

Apostas do ENCONTRO

JUDITH MILLER

Essa publicação é um instrumento de trabalho mais que precioso e por diversas razões.

Dou um lugar especial à bibliografia ponderada. Ela resulta de uma reflexão aprofundada sobre o tema do ENCONTRO e dele constitui um paradigma. Lembra que este ENCONTRO é orientado de ponta a ponta pela descoberta freudiana e pelo ensino de Lacan como um todo. Contribui com a realidade efetiva do ENCONTRO ao cristalizar a elaboração das questões que ele abordará. Ela indica, enfim, que o campo de trabalho que ele abre prosseguirá para além do próprio ENCONTRO.

A leitura dos textos redigidos pelos membros da AMP e por seu Delegado Geral corrobora o primeiro ponto. No contexto de um tsunami cientificista que se creê capaz de invalidar a clínica da psiquiatria clássica e, no mesmo movimento, a clínica psicanalítica, é essencial não apenas indicar em que elas se diferenciam como também que balizas elas oferecem aos clínicos de hoje.

Há vários anos sabemos que muitos psiquiatras endereçam aos analistas lacanianos os casos que consideram mais difíceis. Há algum tempo esse recurso tomou outra forma.

Os médicos se vêem freqüentemente no desatino, na insatisfação, no tédio, e mesmo na angústia que neles induz a farmacopéia contemporânea, assim como as classificações que recortam arbitrariamente seu campo. As categorias são, com efeito, definidas a partir da eficácia dos produtos da indústria farmacêutica, dos quais lhes é incumbido calcular (e freqüentemente testar) com precaução as posologias, e isto a partir de uma fenomenologia grosseira com base na qual o *establishment* encontra a validação estatística delas, na completa indiferença quanto aos detalhes e à estrutura.

Esses médicos vêem, além disso, seus hospitais e serviços ameaçados com a perda do credenciamento e do financiamento caso eles

não aceitem dedicar uma parte cada vez maior de seus dias não à sua profissão, mas preenchendo dossiês de avaliação quantificados que alimentarão, por sua vez, outras estatísticas – tão ilusórias com relação aos resultados obtidos quanto às injunções categoriais aos quais eles se referem e que servem apenas para justificá-los. Extrair-se do “delírio de normalidade” e do conforto de suas rotinas protocolares, desprender-se do discurso do mestre contemporâneo torna-se uma necessidade para aqueles que não deixam de perceber a pertinência e o destaque da clínica psicanalítica, cuja modernidade não aceita nenhum compromisso com os DSM e seus artifícios, mas que se funda no caso a caso e na singularidade daqueles que a ela se endereçam ou que a ela são encaminhados.

A exposição das coordenadas da clínica analítica pelos analistas das Escolas do Campo Freudiano na América, por sua clareza, sua seriedade e ironia, põe a céu aberto as apostas do ENCONTRO e que eu resumiria em três: Como uma prática esclarecida pelo discurso analítico contribui para afrouxar a prensa de uma segregação que tende a se reforçar cada vez mais insidiosamente? Em que ela é capaz de acercar-se do vivo do sintoma em sua singularidade? Em que ela permite limitar a “política das coisas” nas instituições para ali reintroduzir ou sustentar uma política do sujeito?

Eu acrescentaria nessa introdução um último ponto, determinante a meus olhos. Por que psicanalistas têm o cuidado com a psicanálise dita em extensão e como eles a diferenciam da psicanálise aplicada (“de terapêutica ou de clínica médica”, como afirma Lacan no “Ato de fundação” de sua Escola, em 1964)? Esse último tema em jogo está implícito no momento em que se prepara o ENCONTRO e nele não será abordado enquanto tal. Prefiro mencioná-lo para obstar os efeitos de um mal entendido e para enfatizar a importância da participação dos membros das Escolas tanto neste volume quanto nos cartéis, cujas produções de trabalho serão apresentadas e discutidas ao longo do ENCONTRO.

A eles devemos que os praticantes de diversas especialidades e de gerações distintas venham a ter o cuidado de restituir a responsabilidade de cada um de seus pacientes nisso, recobrando a deles próprios, o que requer que eles possam prestar contas de suas respectivas práticas e de sua delicadeza com respeito aos seres falantes. Orientar-se pela psicanálise é, com efeito, recusar, de saída, a quem quer que seja o status de um organismo capaz de domesticação, assim como o individualismo atual que rebaixa cada um a seu ego. É, portanto, aceitar encarregar-se do real de cada um deles e apreciar

a inventividade das respostas sintomáticas de outros, irredutíveis umas às outras e, de certo modo, a elas mesmas.

Os encontros internacionais do Campo Freudiano nisso encontram sua razão de ser desde 2003.

UM PERCURSO

Os que não ouviram em Buenos Aires, em abril de 2008, a apresentação, por Jacques-Alain Miller, do tema do Congresso da AMP de 2010, podem lê-la na *Scilicet*, pois ela o introduz. Ela organiza a seqüência dos ENCONTROS DO CAMPO FREUDIANO e explicita a lógica da cadeia significante por eles constituída. Sua pontuação resulta, com efeito, do cálculo das escolhas feitas para cada um dos temas desde 1980. Eles reuniram aquilo que se tornou a comunidade de trabalho do Campo Freudiano.

Máquinas de dissecação e/ou lugar de reunião, esses Encontros, nos quais os Congressos da AMP têm sua genealogia, foram, a partir de 2003, para garantir sua serenidade, descaçados dos Congressos da AMP. Além disso, foram duplicados de cada lado do Atlântico: o ENCONTRO AMERICANO e o ENCONTRO PIPOL, na Europa. Eles prosseguem seu trajeto este ano em Barcelona e Buenos Aires.

A série dos ENCONTROS INTERNACIONAIS DO CAMPO FREUDIANO, intercalando-se com os Congressos da AMP nos anos pares, teria um resultado estranho se levasse a AMP a negligenciá-los. De acordo, a piedade não é uma virtude analítica e seguramente não é exigida dos psicanalistas. Que estes ENCONTROS aconteçam nos anos ímpares não teria como *odificá-los* aos olhos das Escolas da AMP, que seguem como parte integrante do Campo Freudiano que elas vetorializam. Dado que a noção de Encontro mantém-se em tensão com a de *automaton*, como articular a alternância entre os Encontros internacionais e o Congresso?

QUE CONSEQUÊNCIAS?

Adiante, por conta própria, alguns elementos de resposta.

A invenção, por Jacques-Alain Miller e alguns colegas na casa de Alfredo Zenoni, do Programa Internacional de Pesquisas (no plural) sobre a Psicanálise aplicada de Orientação Lacaniana (PIPOL), parece-me abrir-se – após ter sido o lugar de reunião delas – a descom-

pletar o trabalho das Escolas da AMP. Foi o caso em 2003, em que pela primeira vez os membros da Escola da Causa Freudiana prestaram conta de suas práticas em instituições; em 2005, em que foram interrogados os efeitos rápidos em psicanálise; em 2007, onde foi colocada a questão de como os psicanalistas estão em conexão direta com o social; e ainda neste ano, quando elaboraram a clínica e a pragmática da desinserção em psicanálise – um pouco antes que seja abordada “A clínica analítica hoje: o sintoma e o laço social”.

O fato de que a psicanálise aplicada seja psicanálise não significa que ela seja a psicanálise, como Jacques-Alain Miller lembrou àqueles que poderiam tê-lo esquecido – o que, creio, não foi nunca o caso das comissões científicas de todos os Encontros internacionais do Campo Freudiano de um lado a outro do Atlântico.

Em 2009, abre-se uma perspectiva, o Encontro europeu de 2011, soube-se em janeiro deste ano, será, talvez, o Encontro do Campo Freudiano e também as Jornadas da FEFP (Federação Européia das Escolas de Psicanálise). Com certeza essa hipótese tem a vantagem de dar consistência à FEFP, o que supõe que dê prosseguimento à uma atenção, própria à ECF, para com suas irmãs mais jovens, atestada por seu presidente Hugo Freda. Ela, que foi a primeira das Escolas da AMP a encontrar o abrigo no Encontro, em fevereiro de 1982, quando ele era um recém-nascido bem frágil, para cujo nascimento cuidaram muitas fadas constituídas – que se revelaram a seguir, boas algumas, malvadas outras – encarnadas nos grupos tão diversos de leitores fisgados pelos textos de Jacques Lacan. Boa parte desses leitores é hoje membro da AMP.

Isto, que eu chamaria “realismo de combate”, não teria como nos abandonar. Combatentes, somos; realistas também, caso o realismo consista, como Romildo do Rêgo Barros menciona (a propósito de uma intervenção de Eric Laurent): “Será que é possível pensar em pequenos grupos que teriam a tarefa de preservar singularidades? Esta indagação interessou a Bion, e terá sem dúvida ocorrido também a Lacan. Será que é possível uma alternativa em que a singularidade, mesmo a sintomática, possa ser preservada?”

De quais “pequenos grupos” se trataria? Como formá-los? Esses pequenos grupos poderiam ser cartéis tais como aqueles constituídos em direção ao ENCONTRO. Creio que a fórmula que os caracteriza conviria também àquilo que Jacques-Alain Miller nomeou “lugar alfa”, em julho de 2007.

No nosso realismo não comporta, com efeito, nem oportunismo, nem espírito de compromisso. Ele ensina, ao contrário, a não subes-

timar as forças inimigas, para melhor confrontar sua expansão, denunciar seus engodos, indicar suas devastações, localizar suas armadilhas para aprender a não cair nelas.

Consiste também em prevenir o que pôde ser, um pouco levemente, estigmatizado como tendência autista das Escolas da AMP, ou, menos simpaticamente, como uma ênfase de seus membros e, mais severamente, como jargão e ecolalia das formulações deles.

É certo que seus ensinamentos e estudo, a formação dos membros praticantes e AMEs, as contribuições de cada um dos AEs, que elas nomeiam, faz a força das Escolas. Essa força se deve ao enlaçamento borromeano do tripé pelo qual Jacques Lacan concebe as finalidades de uma Escola de psicanálise.

A ética da psicanálise é situada no “Ato de Fundação”, ao qual cada uma das Escolas da AMP se refere, na terceira seção, dando a precisão de que ela é a “Práxis de sua teoria”. Essa práxis não parece poder ser dissociada do realismo de combate sem ficar “à mercê desta deriva política que troça da ilusão de um condicionamento universal”.

É onde estamos. Incumbe às Escolas inventar “a” ou “as” via(s) pragmáticas(s) resistente(s) por onde o discurso analítico poderá furar seu avesso, no exato momento em que o discurso do mestre, cego a seus paradoxos, por não conseguir abafá-lo, tenta deturpá-lo. Resta a cada um de seus membros a decisão de participar deste jogo de go de modo a conquistar um “olho” e depois outro, e mais outro – e cada um deles continua tendo que ser defendido – sobre o tabuleiro do atual mal-estar na civilização.

Paris, 2 de julho de 2009

Tradução: Marcus André Vieira